

O ESTRANHO E A TRANSVALORAÇÃO DOS DISCURSOS HEGEMÔNICOS EM ANTÔNIO CARLOS VIANA

Daisy Souza de Almeida (UNEB)¹

Resumo: À luz das teorias de Hall e de Bauman em torno dos processos de identificação e da produção e anulação d estranho, este estudo investiga a localização da literatura de Antônio Carlos Viana em meio aos sistemas de dominação, a partir da tematização do estranho nos contos “Nadinha” e “Meu tio tão só”. Nestes dois contos figuram personagens segregadas por viverem em um ambiente onde reina a normatização fixada sob parâmetros opressivos. O instrumento utilizado para esta leitura é a Crítica Cultural, pois ela parte de um princípio contra-hegemônico, possibilitando o desmonte dos sentidos discriminatórios atribuídos às categorias minoritárias.

Palavras-chave: estranho; identidade; linguagem; pertencimento.

O estranho neste estudo é percebido a partir das perspectivas teóricas de Zygmunt Bauman e de Stuart Hall, que percebem no pertencimento a problemática fundamentadora da criação e da manutenção dos lugares de exclusão, responsáveis por fixar um não-lugar (ou lugar nenhum) para as categorias que fogem às regras estabelecidas para a boa convivência e aceitação nos grupos sociais. Ao trazer para discussão as implicações da normatização, estes estudiosos colocam em evidência a não-naturalidade do sentido do estranho nos termos em que ele tem sido percebido pelo senso-comum, considerando-se que cada sociedade e cada época os produz de acordo com as normas vigentes. Deste modo, por tematizar as questões da exclusão

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB - Campus II). Mestranda e graduada em Letras com Francês. E-mail: daisydabahia@yahoo.com.br.

dos grupos minoritários, Antônio Carlos Viana dialoga diretamente com a crítica ao pertencimento.

Para este estudo, os contos “Nadinha” e “Meu tio tão só”, presentes na coletânea *O Meio do Mundo e Outros Contos*, de Antônio Carlos Viana, publicada pela Companhia das Letras em 1999, serão utilizados para uma leitura dos modelos opressivos sob os quais o capitalismo sustenta as sociedades ocidentais, bem como a aparição das personagens estranhas será tomada como possibilidade de transvaloração dos padrões hegemônicos. O termo transvaloração é aqui empregado como referência à perspectiva nietzschiana que propõe a quebra dos valores fixados como verdade absoluta. Segundo Nietzsche (2002), a moral cristã produz nos indivíduos o sentimento de culpa, bem como ressentimentos que se traduzem em sofrimento. Para retomar a potência intrínseca a cada ser, seria preciso romper com esses valores. Neste estudo, a leitura nietzschiana da transvaloração é tomada como possibilidade de rompimento com as séries opressivas difundidas através dos discursos hegemônicos que, como a moral cristã descrita por Nietzsche, se baseia na manutenção das ferramentas de controle político.

A coletânea dos contos de Viana reúne trinta histórias marcadas pela condição de miserabilidade das personagens que, além de viverem no limite da pobreza, enfrentam angústias decorrentes da sua condição física ou psicológica e da consequente exclusão que tais características lhes aportam. A vida crua das personagens miseráveis de Viana que é apresentada ao leitor em um limitado número de páginas, é contada em sua maior parte por personagens narradoras que captam os pequenos detalhes da vida cotidiana, em que as descobertas e as sensações ganham espaço privilegiado no contexto dos contos.

A simplicidade impera desde a prosa e o ambiente dos contos, à própria personalidade de Antônio Carlos Viana. Nas entrevistas concedidas pelo escritor ao *Encontros de Interrogação* e ao *Jogo de Ideias*, ambos de 2004, ele demonstra uma timidez e humildade que cativam os leitores que conhecem a grandiosidade da sua obra, pelo fato de Viana não se colocar no papel do grande escritor que escreve grandes obras – postura que, se assumida, reafirmaria os poderes movimentados pelos cânones. Em entrevista ao *Paiol Literário* (projeto realizado pelo jornal *Rascunho*, de literatura brasileira), Viana confessou que depois de ter deixado para trás uma vida aparentemente organizada, época em que já atuava como professor, trocou a monotonia da ordem pela satisfação de vender cachorros-quentes em frente ao INSS, momentos aproveitados para ler Proust, Freud, Virginia Woolf e, conseqüentemente, cultivar a sua alma de escritor.

Desta simplicidade pode ser extraída toda a possibilidade de corte aos poderes movimentados pelos mecanismos de dominação mantidos através da apropriação ardilosa dos discursos e das identidades culturais. Deste modo, a Crítica Cultural, como ferramenta teórica para a leitura da obra vianiana, oportuna à percepção dos poderes movimentados através da linguagem literária como perspectiva para a reelaboração dos espaços de atuação política dos segmentos sociais. Partindo desses pressupostos, o objetivo central deste estudo é perceber como funcionam e como podem ser desmontados os dispositivos da naturalização dos sentidos negativos fixados ao estranho. Para tanto, será necessário expor os elementos linguísticos para demonstrar como (ou se) ocorre a naturalização dos sentidos hegemônicos

impingidos ao estranho na obra vianiana, bem como perceber os poderes da linguagem nas representações literárias quanto às conformações e transgressões do instituído. Nesse sentido, se faz necessário, também, evidenciar os elementos básicos que compõem os processos de consolidação da dominação e da segregação, levando em conta as influências do capital. Tudo isso requer uma cuidadosa observação das formas como operam os processos simbólicos e como contribuem para regimes de opressão nos processos de subjetivação do estranho.

Literatura, Crítica Cultural e transcendência dos signos

Em uma das conceituações descritas pelo Novo Dicionário da Língua Portuguesa (1986), o estranho é definido como “contrário ao bom senso”; já no dicionário Michaelis (1998), o termo ganha os valores de “impróprio e repreensível”. Nesta série de sentidos negativos que circulam através das produções simbólicas, o estranho é muitas vezes definido pelo senso-comum a partir de parâmetros opressivos que, de tão repetidos tornaram-se naturais. O que seria o bom senso, afinal? Quais são os parâmetros que definem o impróprio? Por que o estranho seria digno de ser repreendido? Ou melhor, o que é o estranho? Refletir sobre a construção dos significados é um dos movimentos incitados pela Crítica Cultural, pois o reconhecimento das formas de dominação que circulam sorrateiras através da linguagem perpassa pelo desmonte e pela reconfiguração dos conceitos que foram estabelecidos pelo senso-comum e que servem aos poderes hegemônicos.

É notável nas sociedades ocidentais a modelização de ações, de comportamentos, de corpos moldados sob padrões opressivos que fetichizam as camadas sociais, de modo a lhes imprimir uma racionalidade falsificada, pronta para tolher toda forma que destoe daquilo que foi há muito naturalizado. Em *Um Oswald de Bolso: Crítica Cultural ao alcance de todos*, o estudioso Osmar Moreira destina um capítulo da sua obra, intitulado “Tecnologias do signo e devir revolucionário nas pessoas”, para tratar do poder dos signos e da capacidade do indivíduo comum de esvaziar os sentidos culturais estabelecidos sob parâmetros opressivos. Escapar ao domínio da estrutura social montada pelo capitalismo implicaria, antes de tudo, em “perguntar quem é que é isso ou aquilo, sob que condições históricas e políticas recebeu tal e qual significado, sob que artimanhas circula numa dada comunidade linguística” (Moreira 2010: 124). Neste contexto, o senso-comum é uma armadilha que leva à absorção das representações, distanciando os sujeitos de perceber os signos como uma cadeia de inúmeras possibilidades, não como uma imposição a ser rigorosamente seguida.

Quando certos sentidos discriminatórios se impregnam não apenas ao estranho, mas às categorias minoritárias de modo geral, deixando marcas perversas no inconsciente político, entende-se a necessidade de alteração na ordem simbólica responsável por fixar esses conceitos. Deste modo, a Crítica Cultural aqui empreendida atenta para as subjetividades envolvidas nos processos de opressão e para os discursos que ma ativaas redes de poder, ou seja, ela é uma “tecnologia de combate ao significado desde a relação do nome às coisas, passando por aquele que se manifesta e os efeitos de seu discurso” (Moreira 2012: 1). Seria preciso, então, abrir

caminhos para a emergência positiva de outras formas de pensar no que se refere ao estranho. Nesta perspectiva, a literatura na sua tematização das minorias assume um marcante papel político, seja na repetição dos parâmetros hegemônicos, seja no corte a esta lógica, através da quebra com os valores que lhes sustentam. A literatura do escritor sergipano Antônio Carlos Viana oferece subsídios para a observação dos moldes opressivos que foram convencionalizados pelo senso-comum, bem como auxilia na reflexão sobre os papéis que a literatura assume no sentido de corroborar as práticas de repressão ou inserir o elemento de transgressão dos valores hegemônicos.

O estudioso francês Roland Barthes em seu seminário inaugural na cadeira de semiologia literária do Collège de France em janeiro de 1977, pronunciou uma aula sobre as relações entre o saber e o poder manifestado através da linguagem. Se os poderes se manifestam pela linguagem, então a literatura também não poderia escapar a esta lógica, o que tornaria a tarefa de ruptura com as formas de dominação ainda mais complexa, senão impossível, já que, segundo Barthes, a própria estrutura da língua refletiria as imposições sociais. A literatura de Antônio Carlos Viana (1999), ao mesmo tempo em que parece se agregar à manutenção das séries opressivas, quando em seus contos o estranho é colocado em lugares de constante aviltamento, essa forma de representação pode ser nada mais que um engodo, considerando-se a sua singular apropriação dos signos, que talvez possa ser interpretada como o jogo com a linguagem ao qual Barthes se refere em seus estudos.

A forma peculiar com a qual Viana se apropria dos signos, através da frieza e humor sádico da narrativa, principalmente diante do sofrimento das personagens oprimidas, gera questionamentos em relação aos processos simbólicos empreendidos pelo autor, a saber, se transcendem ou se naturalizam os sentidos pautados por valores hegemônicos. Como em nenhum momento da narrativa é redimida a angústia dessas personagens e o autor não parece tomar partido ao reafirmar a dor provocada pelas recorrentes humilhações sofridas por elas, o contexto é, minimamente, propício à preservação daquela ideia inicial que prenuncia o teor repreensível do estranho. Esta característica pode ser observada através da passagem descrita abaixo, presente no conto "Nadinha":

Ninguém sabe como, nem por quê, Nadinha nunca mais andou. Era só pôr o pé no chão e chorar. Queria colo da vó a manhosa. Mais dois meses e a perna foi secando. Ficou uma maniva de macaxeira, zombavam os irmãos. Mas Nadinha continuava cada dia mais alheada do mundo, não sabia o que era maniva, muito menos macaxeira. Mais uns tempos e a outra perna foi afinando. Os pés viraram um nervo só, retorcidos que nem rabinho de porco. (Viana 1999: 24)

Além do conto apresentar, de forma totalmente seca, a trajetória de uma criança física e mentalmente deficiente, marcada por ofensas desferidas pelos membros da própria família, o narrador onisciente não deixa passar nenhuma oportunidade de ofertar à menina a sua série particular de apelidos maldosos. O texto chega ao seu fim e a criança continua vivenciando a mesma situação angustiante, sem que os irmãos demonstrem compaixão por sua dor ou exista

alguma chance de mudanças positivas na vida da garota. Este aspecto ferino da literatura vianiana oferece indícios de mera reprodução dos moldes que servem à dominação das categorias excluídas através do discurso, como se os signos fossem recolhidos e agrupados indiscriminadamente com todos os seus atributos negativos.

No entanto, Barthes acredita que a literatura pode ser capaz de trapacear a língua através das suas forças libertárias. Segundo o estudioso, a língua entra a serviço de um poder assim que é proferida, pois o signo jamais poderá ser reconhecido se não for repetido inúmeras vezes, “o signo é seguidor, gregário; em cada signo dorme este monstro: um estereótipo: nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se arrasta na língua” (Barthes 2004: 15). Se a liberdade é a faculdade de se manter fora do poder e de não sujeitar ninguém, somente haveria liberdade fora da linguagem, posto que os poderes a ela estão intrínsecos. Porém, a linguagem não tem exterior, o que pressupõe a necessidade de burlar este sistema se valendo da própria linguagem como meio de transgressão. Encenar, com uma pitada de pimenta e de sadismo, as barbáries de um mundo prevalente de individualidade, falta de cooperação e falta de solidariedade (Bauman 2003), como faz Antônio Carlos ao tematizar as relações humanas, em meio a contextos que oferecem indícios de serem frutos das sociedades regidas pelo capitalismo, assemelha-se mais a um logro à arbitrariedade dos signos, ao invés de uma exaltação irrestrita dos pensamentos das classes dominantes.

A Crítica Cultural na literatura, proposta neste estudo, segue a metodologia crítica do estudioso Carlos Magno Gomes. Perceber na literatura apenas uma justificativa para as análises culturalistas ou, por outro lado, lhe atribuir um papel estritamente estético, não condiz com a proposta da Crítica Cultural. Isso porque, tanto os elementos culturais, quanto a estrutura do texto literário são ferramentas importantes na construção dos sentidos, que devem ser percebidos em seu papel político. Nesse sentido, Gomes (2011) propõe uma metodologia híbrida para o crítico, em que a interdisciplinaridade se associa à política e à estética para uma leitura contra-hegemônica do texto literário. O estudioso afirma que “o crítico deve estar atento às especificidades do texto literário. Isto é, ele deve estar atento ao que o texto diz da sociedade, enquanto também se pergunta como o texto diz isso” (Gomes 2011: 62). Passar pelo texto vianiano, sem observar estes aspectos representaria uma enorme perda, considerando-se que a presença dos excluídos se entrelaça aos jogos com os signos, empreendidos pelo escritor, para produzir sentidos políticos que não teriam o mesmo efeito sem a apropriação ardilosa da linguagem.

Gomes (2011: 60) afirma ainda que “a crítica se torna mais eficiente quando passa a ser exercida como prática inclusiva e de reconhecimento da alteridade da diversidade nas representações culturais”. Em sua literatura, Viana apresenta uma gama de acontecimentos referentes aos espaços políticos ocupados pelas categorias excluídas, em que a estética do seu texto contribui para a elaboração dos significados. Enforcamento, deficiência física e mental, obesidade mórbida são condições tensas que, em geral, não combinariam com risos e humor. Esteticamente, essa associação de elementos completamente díspares presentes nos contos de Viana oferta à sua obra, além da surpreendente transformação do incompatível em beleza e da simplicidade em lirismo, o poder político de pegar o signo conforme definido em sua

usualidade e transformar os seus sentidos através de artifícios de linguagem capazes de deslocá-lo, sem necessariamente lhe impor mudanças objetivas em sua substância.

Comparar a perna de uma menina deficiente com um rabinho de porco ou com uma maniva de macaxeira, como faz Viana em “Nadinha” é, certamente, uma repetição dos sentidos negativos que se agregam aos signos e renova o fetiche que impõem padrões físicos e comportamentais fixados pelos conceitos metafísicos de pureza e beleza. Não existe neste contexto possibilidade de redenção da condição desafortunada da criança, ela não tem meios para sucumbir ao desejo imputado pelo fetiche, nem pode viver livre das tentativas repressivas de lhe transformar em outra coisa, além do que ela é. Quando ao estranho são impostos comportamentos que, se recusados, podem trazer através da repressão consequências irreparáveis no processo de subjetivação e a narrativa não ensaia nenhuma estratégia de modificação positiva desta ordem, ao contrário, encena a ridicularização do estranho, sem dúvidas a prosa de Antônio Carlos repete o discurso das ideologias dominantes. Tornar ridículas as situações sofridas, fazer rir se servindo de contextos que em geral não são engraçados, aumentar a dor das personagens através da secura da narrativa e da falta de compaixão, tudo isso perpassa por uma série de artimanhas empreendidas pelo autor que propiciam o deslocamento dos signos.

Por mais que em seus contos Antônio Carlos repita os sentidos negativos impingidos ao estranho, paradoxalmente, ele não os reafirma. O autor trabalha com os signos e com todos os atributos pejorativos que eles carregam consigo, para movimentar outras forças. Descrevendo os princípios da Crítica Cultural, Moreira (2010: 131) afirma que “se as forças da barbárie tentam separar a vida daquilo que a vida pode, as forças plásticas e afirmativas, por outro lado, permitem à vida resistir, criar, no limite do que pode, inclusive para transformar essas forças da barbárie em forças afirmativas”. Nesta linha de pensamento, pode-se considerar que Antônio Carlos Viana promove a transformação à qual Moreira se refere, pois ao recolher nos signos os elementos discursivos que sustentam os poderes hegemônicos – isso lhes permite uma manutenção duradoura, em que seu recurso é a linguagem – e, simulando estar se submetendo a estes poderes, o escritor esvazia os seus sentidos.

Os contos vianianos apresentam todas as características da literatura menor descrita por Deleuze e por Guattari (1977). Os autores acreditam que “uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes o que uma minoria faz de uma língua maior. No entanto, a primeira característica é, de qualquer modo, que a língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização” (Deleuze; Guattari 1997: 25). Assim, os autores começam a caracterizar a literatura menor: o primeiro aspecto é exatamente o seu poder de desterritorialização, em que a língua assume “estranhos usos menores”; a segunda característica é o seu caráter político. Ao contrário das grandes literaturas que tratam de casos individuais, em que o âmbito social serve de ambiente de fundo, na literatura menor o individual se torna político pois outras histórias se agitam nele. A terceira característica é o valor coletivo, ou seja, o que o “escritor sozinho diz, já constitui uma ação comum” (Deleuze; Guattari 1997: 26-27). Estes três movimentos da literatura menor: a desterritorialização da linguagem, o caráter político e a possibilidade de agenciar questões coletivas são aqui remarcados na obra de Viana, pois através da encenação dos discursos discriminatórios o autor

atribui aos signos outras utilizações, rompendo com a sua arbitrariedade, além de agenciar questões coletivas a partir do individual como forma de fazer política.

Além do humor sádico e da falta de compaixão que imperam na obra vianiana, o deslocamento dos signos em seus contos é proveniente da junção destes elementos à revelação drástica do fetiche experimentado pelas sociedades capitalistas. Os discursos contemporâneos em respeito à diversidade e o não menos recorrente recalque dos pensamentos discriminatórios que ressoam em meio à distância entre discurso e ação, além dos lugares de segregação continuarem ocupados pelos mesmos “sujeitos da diferença”, fazem parte do mascarar do fetiche que inviabiliza a emergência das singularidades, livres de supostas essências forjadas pelo capitalismo. Ao trabalhar com o humor maldoso para amplificar as intensidades da crueldade promovida pelos ideais de puro e belo, em seus contos Antônio Carlos retira as máscaras do fetiche, repetindo os discursos dominantes sem os seus artifícios habituais, ou seja, a sua narrativa se isenta da benevolência falsificada sob moldes opressivos.

As culturas hegemônicas se apropriam dos discursos e das identidades culturais para colocar em prática toda a sua série opressiva, sem que ao menos os sujeitos envolvidos nos procedimentos de dominação se deem conta da barbárie sustentada por seus valores. Deste modo, faz-se necessário observar como ocorre essa apropriação das identidades pelas categorias dominantes e, por outro lado, como a literatura de Antônio Carlos Viana serve-se igualmente da linguagem para promover a transvaloração do hegemônico.

Jogos de identidades X Jogos dos signos

Alguns mecanismos preparam os lugares para a manutenção das identidades unificadas. A título de exemplo, as separações entre normal e anormal se dão através da identificação (essencialização) e isso independe dos complexos provenientes de algum dado ou vivência primitivos, conforme descreve o pensamento freudiano em sua obra “O Estranho”, de 1919, quando afirma que na medida em que os sentimentos que eram familiares foram reprimidos pelo inconsciente, eles retornam em forma de estranhamento. Segundo Bauman (1998), o desejo de organização seria proveniente de um ideal de pureza, apontado por ele como sendo a base que sustenta e define os lugares a serem ocupados por cada segmento identitário – neste caso, o termo identidade é usado para fazer referência à fixidez moderna descrita por Hall (2006). Sendo assim, o estudioso acredita que espaços são planejados para o estabelecimento daqueles que fogem às regras, visando que ali permaneçam sem causar danos à integridade da organização vigente. O problema que se coloca para os sistemas de dominação é quando estes limites são ultrapassados por transgressores das leis da “natureza”, neste caso os estranhos, daí a necessidade (dos sistemas opressivos) de usar artimanhas para assoprar para longe todos os resquícios do impuro.

Bauman exemplifica a sua teoria afirmando que “sapatos magnificamente lustrados e brilhantes, tornam-se sujos quando colocados na mesa de refeições. Restituídos ao monte de sapatos, eles recuperam a prístina pureza” (1998: 14). A

idealização pautada por um pensamento centrado na pureza torna estranhas as coisas e pessoas, não por elas serem essencialmente estranhas, mas por passarem por mecanismos de alocação numa série. Um dos problemas criados pelo ideal de pureza é a falta de lugar certo para determinadas categorias, em qualquer espaço social planejado. Nesta concepção, o estranho estaria associado ao não pertencimento a nenhum lugar e à negação da fixidez identitária.

Como no conto “Nadinha”, o ambiente de humilhações e chacotas tematizado na literatura de Antônio Carlos Viana se repete em “Meu tio tão só”. O acontecimento trágico do suicídio de um homossexual, o tio Bau, por enforcamento, aparentemente como resposta psicológica para o sofrimento causado pelo seu constante aviltamento, reflete tanto as implicações da ordem, do pertencimento e do ideal de pureza nos processos de subjetivação, quanto a recusa à submissão aos padrões fixados de identidade, simbolicamente movimentada pela condição de estranho.

Vivendo sozinho, tio Bau podia contar apenas com a irmã que lhe preparava “uns agrados”, “um dia era buchada com fava, noutro um bom sarapatel”, e com o sobrinho, a personagem narradora, que levava os quitutes em sua casa. O ato de resistência do tio Bau diante da mesquinhez da vizinhança é o isolamento, essa é uma maneira de se distanciar dos julgamentos, o que ocasiona a mais completa solidão: “não tinha um pé de pessoa a quem recorrer em suas horas de crise” (Viana 1999: 26). A única solução que tio Bau encontra para escapar da sua condição de miséria moral é o suicídio, enfrentado cruamente pelo sobrinho que num primeiro momento se preocupa apenas em analisar as circunstâncias do acontecimento: “nunca pensei que um galho de cajueiro fosse tão forte a ponto de aguentar um corpão como o do meu tio”, contrariamente à reação da sua mãe que desmaia ao ver o irmão “com a língua de fora, os pés suspensos no ar” (1999: 26).

De acordo com os ensinamentos bíblicos, Adão fora criado a partir da terra à imagem e semelhança de Deus, e Eva fora criada a partir da costela de Adão para procriarem e assim gerar a espécie humana, que se perpetuaria através da progressiva procriação. A sodomização e qualquer outro tipo de relação sexual fora dos padrões bíblicos se caracterizaria como um pecado contra a ideia principal de perpetuação da espécie. Deste modo, o prazer seria colocado em segundo plano e os homossexuais se tornariam anomalias, seres estranhos desafiadores dos propósitos do criador para a humanidade. A religião, a moralidade e qualquer instituição que venha a estabelecer comportamentos normatizados, aportam consigo o essencialismo almejado pelas categorias dominantes, afinal, parece mais fácil pensar estratégias para dominar as “comunidades”, do que descobrir meios para expandir o controle político que seja capaz de atravessar grupos diversos.

Ainda assim, os poderes se deslocam contextualmente para desenvolver artimanhas de utilização ardilosa das identidades. Ao definir como um “jogo de identidades” a indicação de Clarence Thomas para integrar a Suprema Corte dos Estados Unidos no governo do então presidente George W. Bush, Hall (2006) concebe que a dominação se apropria da fragmentação das identidades para perpetuar os seus poderes. Por ser ao mesmo tempo negro e de posicionamento político conservador, Clarence poderia abranger uma gama de aliados em meio à diversidade:

No julgamento de Bush, os eleitores brancos (que podiam ter preconceitos em relação a um juiz negro) provavelmente apoiaram Thomas porque ele era conservador em termos da legislação de igualdade de direitos, e os eleitores negros (que apóiam políticas liberais em questões de raça) apoiariam Thomas porque ele era negro. Em síntese, o presidente estava "jogando o jogo das identidades" (Hall 2006: 4)

A apropriação política das identidades utilizada por Bush, é um *ritornelo* na vasta categoria de estratégias empreendidas pelo capitalismo para fetichizar os espaços sociais. O historiador francês Michel de Certeau (1990), em sua obra *A Invenção do Cotidiano*, atentou para a mobilidade das estratégias utilizadas pelo mercado capitalista para adaptar o seu controle ao surgimento de novas condições históricas e sociais. Ele acredita que as estratégias capturam a seu favor as mudanças contextuais decorrentes da fragmentação dos seus poderes, provocadas pelo deslocamento, através do uso, das regras impostas por lugares instituídos. Dizendo de outra forma, o capitalismo "antecipa-se ao tempo, pela leitura do espaço" (Certeau 1990: 100), percebe como o consumidor, ao oferecer novos usos para os produtos e lugares fixados sob leis específicas, desfere cortes ao domínio por ele exercido, para assim encontrar meios de renovar as estratégias de controle, inserindo outras perspectivas de acordo com as atuais condições, ou seja, o conhecimento dos tipos e táticas desviacionistas às quais os consumidores se servem torna-se prioridade para a manutenção e renovação do controle capitalista.

A mudança do pensamento moderno que acreditava na fixidez das identidades para a percepção da sua fragmentação trazida pelo pensamento pós-moderno acarreta na necessidade de transformação das estratégias capitalistas que precisam se amoldar aos novos contextos históricos. Ao tempo que as categorias excluídas pressionam os poderes à reconfiguração dos espaços políticos, essa reconfiguração é forjada quando os poderes hegemônicos incluem em seus discursos o respeito à alteridade, como se a intolerância e a exclusão não tivessem mais lugar no convívio social.

Em Viana a objeção mais clara que pode ser feita às identidades fixas não está propriamente na tematização do estranho em si - por mais que a condição de estranho por si mesma evidencie a barbárie propalada pela normatização - está justamente na forma como o autor utiliza os signos, de modo a despir os poderes hegemônicos das suas máscaras. O suicídio de tio Bau ganha sentidos políticos por estar envolto à degradação moral descarada e sem limites promovida pela vizinhança, associada à narração sádica dos acontecimentos e à total falta de compaixão do sobrinho e de toda a narrativa. A opressão que por hora se esconde atrás de jogos de identidade, fetichismo e afins, em Viana é ressaltada pelo humor perverso e pela falta de compaixão e egoísmo de algumas das suas personagens. A obra vianiana é a *mise à nu* necessária dos procedimentos de naturalização dos modelos de opressão, isso porque, ao invés de fazer uma denúncia inflamada, o autor coloca à mostra os sentidos discriminatórios que circulam quase sem deixar vestígios evidentes da sua crueldade.

Nesta perspectiva, pertencer à classificação dos normais, daqueles que supostamente compartilham de uma essência de grupo, equivale à pureza das formas físicas, dos sentimentos e das ações que precisam ser condizentes com o que está posto com base nos discursos opressivos, o que inevitavelmente suprime a contemplação dos desejos que estão fora das normas. Ao colocar todas essas questões a partir de contos curtos, escritos em até mesmo uma página, Viana reflete a rapidez e eficácia com a qual um discurso pode se difundir, abrindo margens para o questionamento dos sistemas que se sustentam através de ideais implantados por jogos simbólicos enquanto maquinaria de controle do ser. Enquanto os poderes se servem dos jogos com as identidades e dos discursos, Viana também joga com os signos, porém, à Maquiavel. Como se estivesse reafirmando estes poderes ele se serve das mesmas estratégias empreendidas pelas categorias dominantes para contemplar outros objetivos e fazer destes discursos novos usos, conforme aponta de Certeau (1990) quando percebe o consumo como uma forma de produção de outros significados com base nas regras que tentam se impor.

A chacota dos vizinhos, provável motivo do suicídio de tio Bau, é sem dúvidas uma forte marca de mesquinhez que atravessa todo o conto. O que torna igualmente estranha a narrativa é a não divisão entre o risível e o horror, trazendo para o leitor um misto de angústia, de piedade e, paradoxalmente, a diversão provocada pelo humor maldoso com que os fatos são descritos, conforme o seguinte trecho pode comprovar: “o enterro foi muito animado, o povo falando coisas cabeludas, agora sem mais nenhuma cerimônia. Tiravam graça com tudo o que era menino, perguntando qual deles era o verdadeiro viúvo” (Viana 1999: 28). O enterro de um suicida geralmente causa tristeza, angústia, ansiedade, horror... É fora do comum que tal acontecimento seja descrito como “animado”. Finalmente, é o resultado da exclusão que está sendo dramatizado ou desmascarado na obra vianiana. Jogar com as identidades, como agem os poderes hegemônicos, fazendo crer que essa exclusão não existe, beira à equivalência com os discursos desinibidos da segregação. “Beira” porque, afinal, tudo que é desinibido, ganha maior visibilidade e pode ser mais facilmente combatido, enquanto a opressão sorrateira, até que seja notada, é um terreno imenso a ser desnudado.

Nesse sentido, o humor perverso e a mistura de sentimentos provocada no leitor refletem o estranhamento causado por elementos familiares que, unidos, ganham formas grotescas e, ao mesmo tempo, exercem um papel político de deslocamento dos signos, aquele referido por Barthes (2004) em seus estudos, quando afirma que os poderes movimentados pela linguagem podem ser burlados através da literatura. Porém, “o poder aí está, emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder. Assim, quanto mais livre for esse ensino, tanto mais será necessário indagar-se sob que condições e segundo que operações o discurso pode despojar-se de todo desejo de agarrar” (Barthes 2004: 10). Por mais que a literatura possa assumir um lugar fora do poder, conforme as teorizações de Barthes, ela, em seu papel político, não poderia se despir do desejo de agarrar: capturar, não as identidades da diferença como massa de manobra, mas as estratégias de dominação a favor do corte aos poderes opressivos agregados aos signos.

Perceber como as representações do estranho na obra vianiana se entrelaçam à apropriação dos signos para promover a transvaloração dos lugares fixados, além de perpassar pelos conceitos de identidade e sua variabilidade contextual – ela mesma na versão pós-moderna não permite a concepção de fixo – abre margens para o desmonte dos significados transcendentais subservientes às formas de dominação. O estranho, ou o que se pode conceber como tal em determinados momentos da história, na literatura de Antônio Carlos Viana agrega outras possibilidades para a observação do discurso enquanto principal método de apropriação capitalista.

Considerações Finais

A partir da demonstração da atmosfera criada pelo ideal de pureza, Viana se atém à tarefa de desmascarar o desejo forjado pelo fetiche, sem necessariamente fazer uma denúncia evidente ou tomar partido em defesa dos “coitados” oprimidos e ceifados dos seus direitos. A sua estratégia é mais astuciosa, pretende chocar o leitor pela descoberta drástica do logro simbólico ao qual as sociedades ocidentais se fundamentam. Em sua obra, o sentido de impureza atribuído às categorias excluídas é revestido por uma espécie de alegorização: o que parece fixar os lugares de opressão, através da aspereza da prosa e do excesso de crueldade presente em seus contos, se configura, na realidade, em uma demonstração da barbárie promovida pelos discursos discriminatórios. Através deste método, Viana coloca em prática a sua maneira particular de burlar os poderes movimentados pela linguagem, estabelecendo novas formas de se apropriar dos signos linguísticos, outras perspectivas para a representação do estranho, assim propondo caminhos ímpares para os processos de subjetivação.

A categoria das personagens oprimidas da obra vianiana apresenta dramas característicos das problemáticas geradas pelos ideais imputados ao ser, através do controle político que subentende os jogos simbólicos como parte desta lógica de dominação. Viana (1999) mostra que ser gordo, feio, velho, ser, enfim, diferente do normatizado pode trazer consequências irreparáveis nos processos de subjetivação dos indivíduos, quando estes passam por pressões sociais que tentam lhes impor comportamentos padronizados conforme os sistemas vigentes em cada época. O estranho observado a partir da abordagem da ordem enquanto principal gerador do seu surgimento abre espaço para o a-transcendental, pois cada sociedade e época criam os seus estranhos e, deste modo, o seu conceito não pode ser único, nem existe possibilidade de se estender intocado através do tempo.

As abordagens de Bauman e de Hall em torno do pertencimento e das identidades, além da perspectiva de fragmentação do controle capitalista através do poder da linguagem literária, insere a obra de Antônio Carlos Viana em um espaço ativo de crítica a todo procedimento de identificação e enquadramento numa série, e, coloca em xeque a condição de naturalidade dos sentidos hegemônicos, forjada pelos sistemas opressivos para a manutenção e consolidação das redes de poder.

THE STRANGE AND THE TRANSVALUATION OF HEGEMONIC DISCOURSES IN ANTONIO CARLOS VIANA

Abstract: Based on the theories of Hall and Bauman around the processes of identification and production and cancellation of the stranger, this study investigates the location of Antonio Carlos Viana literature among the systems of domination, from the thematization of the strange in the short stories “Nadinha” and “Meu tio tão só”. In these two tales there are characters segregated by living in an environment where reigns the standardization fixed under oppressive parameters. The instrument used for this reading is the Cultural Criticism, as it parts from a counter-hegemonic principle, allowing the dismantling of discriminatory meanings attributed to minority categories.

Keywords: strange; identity; language; belonging.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A Aula: aula inaugural da cadeira da semiologia literária do Colégio de França: pronunciada dia 07 de janeiro de 1977*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: _____. *A Invenção do cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 1990, p. 103-125.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro Imago, 1977.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, Sigmund. *O Estranho*. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1974.

GOMES, Carlos Magno. Estudos Culturais e Crítica Literária. In: *Revista Anpoll*, vol. 1, n. 30, 2011, p. 53-69.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

MICHAELIS: moderno *dicionário* da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MOREIRA, Osmar. *Um Oswald de bolso: Crítica Cultural ao alcance de todos*. Salvador: UNEB, Quarteto, 2010, p. 121-142.

_____. Crítica Cultural: o esvaziamento do signo combinado à prática política de esvaziamento da representação no poder. Salvador: *Anais do VIII ENECULT*, de 8 a 10 de agosto de 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: Uma polêmica*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

VIANA, Antônio Carlos. *O meio do mundo e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARTIGO RECEBIDO EM 28/09/2013 E APROVADO EM 14/11/2013